



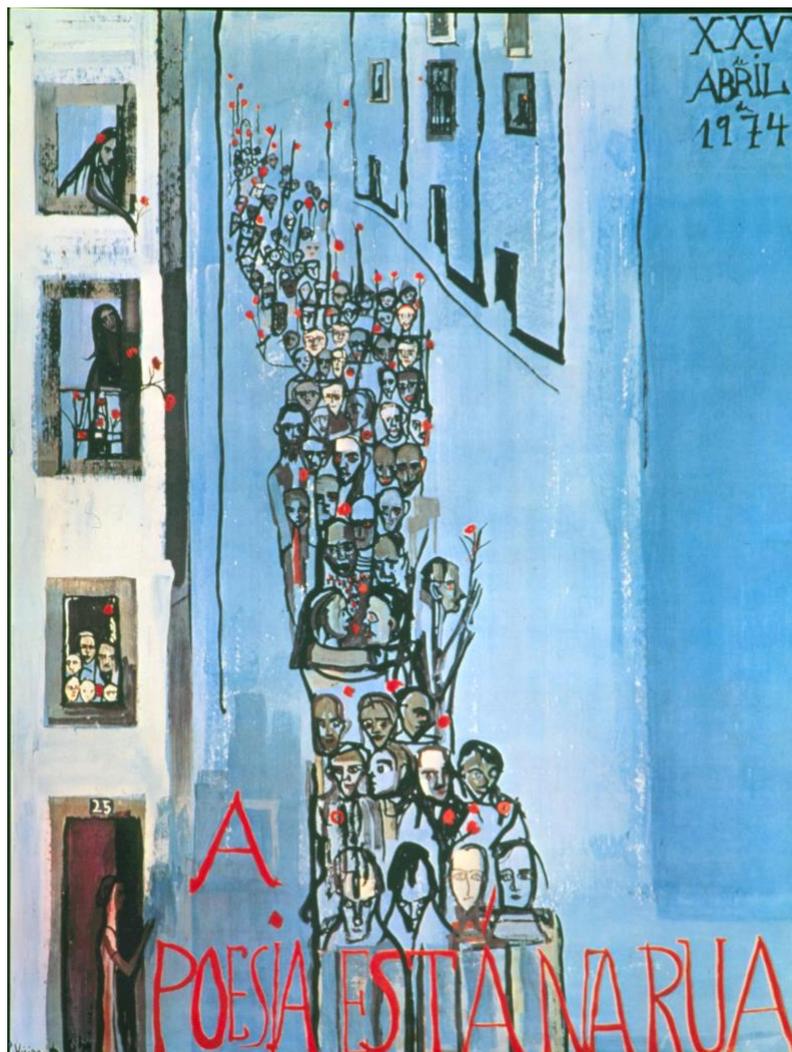
Universität
Zürich^{UZH}

Romanisches Seminar



Colóquio

A palavra comprometida



Maria Helena Vieira da Silva: A poesia está na rua II, 1975. (têmpera sobre papel, 104 x 79,5 cm) / Cortesia FASVS, © 2018, ProLitteris, Zürich

2 e 3 de novembro de 2018

Resumos e notas biobibliográficas

rom⁺
Doktoratsprogramm Romanistik:
Methoden und Perspektiven

SHK | CSHE | CSSU | CSSA
Schweizerische Hochschulkonferenz
Conférence suisse des hautes écoles
Conferenza svizzera delle scuole universitarie
Conferenza svizra da las scolas autas



ÍNDICE

André Masseno	<i>A palavra como guerrilha: representações do trópico despótico nos anos 60/70</i>	3
Eduardo Jorge de Oliveira	<i>Pregar pelo choque: o sermão e o manifesto na aventura modernista brasileira</i>	5
José Manuel da Costa Esteves	<i>A voz comprometida de Maria Teresa Horta: a entrega total</i>	7
Maria de São José Côrte-Real	<i>Música e nação: o compromisso (sério) e a praia das artes</i>	9
Mariana Pinto dos Santos	<i>Palavras recortadas, histórias pintadas. Intercâmbio entre o pictórico e o literário em Almada Negreiros</i>	11
Marília Mendes	<i>A força explosiva do silêncio na poesia comprometida de Carlos de Oliveira</i>	13
Maze	<i>A palavra é a arma</i>	15

Paulo de Medeiros	<i>Literatura contemporânea e a condição de resistência</i>	17
Rita Chaves	<i>José Luandino Vieira: 'Papéis da prisão' e da liberdade</i>	19
Tobias Brandenberger	<i>Lutar com o mito: reescrita e compromisso no teatro português moderno</i>	21

Caderno editado por Marília Mendes e Maria Ana Ramos

ANDRÉ MASSENO

Universität Zürich

A palavra como guerrilha: representações do trópico despótico nos anos 60/70

A partir dos anos 1967 e 1968, a palavra (cantada, falada ou impressa) se propagava no espaço público latino-americano em forma de movimentos estudantis, levantes operários e/ou camponeses, passeatas e ações revolucionárias, tornando-se arma de protesto e de denúncia dos abusos estatais e do capital globalizado. No campo artístico, o comprometimento da palavra com o contexto sociopolítico apresentava-se como paradigma, dividindo artistas e intelectuais acerca dos pressupostos éticos e estéticos da arte perante o momento de crise.

No Brasil, especialmente nos primeiros anos de um longo período ditatorial (1964-1985), ocorreu um inflamado debate acerca dos limites, discutíveis, entre engajamento artístico e posicionamento apolítico. Em manifestações musicais e literárias afinadas com a contracultura, embora acusadas de „alienadas” pela parcela artística autodenominada „engajada”, a palavra mantinha-se frequentemente tensionada entre a crítica e a afirmação de, por exemplo, uma utópica união afetiva entre os países latino-americanos perante os ditames do capital estadunidense. Paradoxalmente, tais produções ficcionais também investiam na clave distópica, apresentando uma América Latina subjugada por golpes de Estado apoiados pelos interesses econômico-políticos internacionais e caracterizada por movimentos revolucionários minoritários, cuja ação efetiva de transformação era inalcançável.

Concentrando-se na mirada brasileira para o contexto latino-americano dos anos 60/70, a presente comunicação buscará mostrar como as produções contraculturais da época conferiam à palavra uma força

transformadora/denunciadora a ponto de assemelhá-la a um gesto de guerrilha, implodindo o despotismo a partir da ficção. Para isso, serão abordadas algumas obras literárias e musicais brasileiras entre os anos 60 e 70, conferindo maior ênfase aos capítulos de guerrilha situados no romance *Panamérica*, de José Agrippino de Paula, e à canção „Soy loco por ti, América”, composta por Gilberto Gil e José Carlos Capinam e interpretada por Caetano Veloso, ambos de 1967.

André Masseno é doutorando em Literatura Brasileira, assistente e docente na Cátedra de Estudos Latino-americanos e Luso-brasileiros da Universidade de Zurique, mestre e especialista em Literatura Brasileira pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), onde desde 2011 é professor convidado do Curso de Especialização em Literatura Brasileira. Organizador das publicações: *Para ouvir uma canção: conversas sobre canção popular brasileira* (2011); *Filosofia e cultura brasileira* (2012) e *Bioescritas/Biopoéticas: pensamento em trânsito*, vol. 1 (2018). Sua pesquisa doutoral investiga a configuração da espacialidade tropical nos discursos literário, político e artístico que perpassaram o pensamento brasileiro desde os finais do século XIX até os anos 60 e 70 do século XX, quando uma produção artística contracultural disseminou contranarrativas que se opuseram ao discurso oficial, essencialista e coercitivo, de leitura e de visibilidade do Brasil para o mundo.

* * *

EDUARDO JORGE DE OLIVEIRA

Universität Zürich

***Pregar pelo choque: o sermão e o manifesto
na aventura modernista brasileira***

O convulso século XX foi o século dos manifestos por excelência. Ele foi o ponto de encontro e de desencontro das vanguardas artísticas e literárias. O poeta mexicano Octavio Paz chegou a afirmar que a práxis das vanguardas acabou por realizar uma „tradição da ruptura”. Em meio a esse contexto, a proposta da presente comunicação objetiva mostrar que na obra de Oswald de Andrade (1890-1954) as confrontações feitas a António Vieira, por exemplo, permitiram ao autor expor, através do poema-piada, da anedota (*Witz*) e de outras formulações sintéticas, um engajamento literário com a própria história do Brasil para lê-la a contrapelo. Contra os efeitos da retórica, do beletrismo, da alegoria e de mensagens indiretas, Oswald de Andrade, mais famoso pela autoria dos manifestos *Pau-Brasil* (1924) e *Antropofágico* (1928), produziu uma estética telegráfica com romances breves, a saber, *Memórias sentimentais de João Miramar* (1924) e *Serafim ponte grande* (1933), além de peças de teatro que expunham críticas aos modos de funcionamento da economia e da sociedade brasileiras, *Rei da Vela* (1933) e *A morta* (1937), e uma obra ensaística que desenvolve teoricamente aspectos presentes nos manifestos. Ao longo da obra do autor se esconde uma afinidade com o „imperador da língua portuguesa”, epíteto que Fernando Pessoa conferiu a Vieira. Sendo a sua afinidade „[c]ontra o Padre Vieira”, Oswald de Andrade apenas poderia exprimi-la no século que habitou.

Eduardo Jorge de Oliveira possui doutoramento em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, em cotutela com a École

Normale Supérieure (ENS), em Paris, com a tese *Inventar uma pele para tudo: texturas da animalidade na literatura e nas artes visuais*. Foi pesquisador associado do IEL (Instituto de Estudos da Linguagem) da Universidade de Campinas, em São Paulo. Realizou pesquisa de pós-doutoramento na École des Hautes Études en Sciences Sociales - EHESS, também em Paris, no CEHTA (Centre d'Histoire et Théorie des Arts). Atualmente é professor de Literatura Brasileira (literatura, artes, *midia*) no Romanisches Seminar da Universidade de Zurique. É membro do Centro Latino-Americano (Lateinamerika-Zentrum) e pesquisador associado ao Zentrum Künste und Kultur Theorie - ZKK da mesma Universidade.



JOSÉ MANUEL DA COSTA ESTEVES

Université Paris Nanterre, Cátedra Lindley Cintra

***A voz comprometida de Maria Teresa Horta:
a entrega total***

No livro *Minha senhora de mim* (1971), Maria Teresa Horta glosa não só o poema de Sá de Miranda „Comigo me desavim”, atualizando a herança da tradição literária portuguesa, como também encarna a „amiga” que rompe com a clausura a que foram votadas as mulheres, trazendo para o primeiro plano a apropriação da voz e do corpo do sujeito feminino. Nele ecoa ainda a voz subversiva da freira das *Lettres Portugaises* (1669) que desagua no texto torrencial e fundador das *Novas Cartas Portuguesas* (1972) escrito pelas „três Marias”, livro que anuncia, com a sua carga explosiva, entre muitos outros caminhos, a libertação e a afirmação das mulheres. A escritora não cessará, ao longo da sua vasta obra, de assumir o seu compromisso com a História, para que a mudança seja possível. A inscrição do feminino, a exaltação do corpo (da mulher, do homem, do poema), da sexualidade e do prazer são os principais temas da sua obra. Tentaremos esboçar nesta comunicação um breve percurso de voz libertadora e rebelde de Maria Teresa Horta, para quem „escrever é entrega e exposição”, através de textos seminiais onde nunca se apaga a chama do compromisso e responsabilidade perante a História.

José Manuel da Costa Esteves tem licenciatura em Filologia Românica e pós-graduação em Literatura Portuguesa na Universidade de Lisboa. É responsável pela Cátedra Lindley Cintra, do Camões- I. P., desde 2002, na Université Paris Nanterre, onde integra o grupo de investigação CRILUS. É membro da Associação Portuguesa dos Críticos Literários, do Conselho redatorial da revista www.PluralPluriel e do Conselho editorial das revistas *Convergência Lusíada* (Brasil), *Cahiers du Crepal* (Paris) e *Colóquio Letras*. Tem publicações nos domínios da didática das línguas, das políticas linguísticas e culturais e

da literatura portuguesa moderna e contemporânea, entre outras: *Maria Judite de Carvalho: une écriture en liberté surveillée* (com Maria Graciete Besse e Adelaide Cristóvão), Paris, 2012; *Hommes de Lettres et la Res publica au Portugal et au Brésil* (com Cláudia Poncioni e José Costa), Paris, 2013.

MARIA DE SÃO JOSÉ CÔRTE-REAL

Universidade Nova de Lisboa, INET-md

***Música e nação: o compromisso (sério)
e a praia das artes***

A palavra comprometida cresce e fortalece com a música. Os governos das nações entenderam-no tão bem quanto muitos dos seus opositores. Para apontar usos nacionalistas de relações entre música e palavras comprometidas, tomo duas ideias de Luís Bernardo Honwana em *A Velha Casa de Madeira e Zinco* (2017): *o compromisso sério e a praia das artes*. Parto da *Súplica* de Noémia de Sousa pelo *rapper* paulista Emicida, para tardar um pouco sobre a noção evocada de „terra onde nascemos”; o quinhão (parte que nos cabe) que tanto drama cria no imaginário humano feito realidade nas sociedades do mundo. As perspetivas de *compromisso sério* e de *praia das artes* interagem, dialogando, nesta reflexão etnomusicológica acerca de achegas de Moçambique, de Portugal e do Brasil para uma representação do binómio música e nação.

Maria São José Côte-Real, MA e PhD Columbia University, NY-USA (1991/2000), é investigadora do Instituto de Etnomusicologia e docente na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Estuda a relação música e política cultural em meios de intensidade migrante e não só. A sua atividade compreende autoria e edição de artigos e livros, participação em projetos e organização de conferências internacionais. Entre as suas publicações destacam-se *Música e Migração* (Observatório das Migrações, 2010) e *Music and Human Mobility* (Air Force Academy of Romania, 2016).



MARIANA PINTO DOS SANTOS

Universidade Nova de Lisboa

***Palavras recortadas, histórias pintadas.
Intercâmbio entre o pictórico e o literário em
Almada Negreiros***

O carácter visual da escrita de Almada Negreiros tem sido notado por diferentes autores dos estudos literários e por escritores como Herberto Helder, que referiu que, em Almada, a palavra é „pintada, escrita, movida, falada”, ou Vitor Silva Tavares, que se referiu à escrita de Almada como um „pintar literário” e a quem se deve a expressão „palavras recortadas” a propósito deste artista. Há contudo um intercâmbio nos dois sentidos: tanto da pintura para a escrita, como da escrita para a pintura, que tanto é processual – ou seja, tanto resulta numa inventiva linguagem pictórica –, quanto é repositório de motivos ora literários, ora pictóricos – pois na obra de Almada ocorrem revisitações pictóricas da obra literária e revisitações literárias da obra plástica. As relações recíprocas entre pintura e literatura tornam a intervenção artística de Almada um exemplo singular do compromisso da vanguarda e da modernidade com a reinvenção das linguagens a partir do esbatimento de fronteiras entre diferentes campos artísticos, no que pode ser entendido como uma reavaliação do clássico *ut pictura poesis*.

Mariana Pinto dos Santos, historiadora da arte, doutorada em História e Teoria pela Facultat de Belles Arts – Universitat de Barcelona, é investigadora integrada do Instituto de História da Arte, FCSH-UNL e professora convidada no departamento de História da Arte da mesma faculdade. É autora do livro *Vanguarda & Outras Loas*, Lisboa: Assírio & Alvim (2007), bem como de diversos estudos em catálogos e ensaios publicados em revistas, sobre história da arte contemporânea, modernidade e modernismo, teoria e historiografia da arte. É coeditora da *Obra Literária de Almada Negreiros* (Assírio & Alvim)

e da revista *Intervalo* (Pianola/Vendaval). Foi curadora da exposição na Fundação Calouste Gulbenkian, *José de Almada Negreiros: uma maneira de ser moderno* (3 Fev - 5 Jun 2017), da exposição no Museu Nacional de Soares dos Reis (Porto), *José de Almada Negreiros: desenho em movimento* (29 Nov 2017– 31 Mar 2018) e da exposição *Mulheres Modernas na obra de José de Almada Negreiros* no Palácio da Galeria, Museu Municipal de Tavira (7 de Jul – 14 Out 2018). É corresponsável pelo projeto de investigação *Iberian Modernisms and the Primitivist Imaginary* (AAC n.º 02/SAICT/2017 – 029837). Prepara a exposição de Almada Negreiros em Guadalajara, México, *Lo que cuentan las paredes*, no âmbito da Feira Internacional do Livro de Guadalajara (22 Nov 2018 – 3 Fev 2019) (país convidado: Portugal; comissariado: Manuela Júdice). É editora na Pianola e nas Edições do Saguão.

* * *

MARÍLIA MENDES

Cátedra Carlos de Oliveira

A força explosiva do silêncio na poesia comprometida de Carlos de Oliveira

Na obra de Carlos de Oliveira identificam-se normalmente duas fases: um momento inicial de criação comprometida, identificado como próximo do Neorrealismo português, e um momento de elaboração formal, mais estético, quiçá mais hermético. No entanto, as duas fases entrelaçam-se naquela que o autor considerou ser a versão final da sua obra (segundo a nota final de *Obras de Carlos de Oliveira*, Editora Caminho, 1992, edição revista pelo autor). Aqui, o discurso poético evidencia sempre um rigoroso trabalho ofical de procura estética e formal, sem deixar de configurar uma subjacente preocupação político-social.

É esse entrelaçamento que a presente comunicação pretende indagar. Gândara, terra agreste e improdutiva, sequidão, brevidade, rigor, silêncio, são alguns dos elementos que povoam o universo literário de Carlos de Oliveira. Procurarei encontrar „semelhanças e correspondências” (Walter Benjamin) entre esses e outros elementos e os „germes da realidade” que o poeta captou e transformou na sua poesia. O silêncio é, aqui, fundamental. Ele é, afirma o poeta, „a pequena bomba de relógio” que ele entregou aos seus leitores.

Marília Mendes tem mestrado em Literatura Comparada pela Universidade Nova de Lisboa. Foi leitora de Português e assistente de Literaturas de língua portuguesa na Universidade de Zurique. Editou *A língua portuguesa em viagem, Actas do colóquio comemorativo do cinquentenário do leitorado Zurique* (Frankfurt: TFM, 2003) e coeditou diversas publicações, entre elas *De márgenes y silencios: homenaje a Martín Lienhard =*

De margens e silêncios: homenagem a Martin Lienhard (com Annina Clerici). É atualmente bolsista do programa *Fernão Mendes Pinto* do Camões I.P. e trabalha na área da migração.

* * *

MAZE

Dealema, Porto

A palavra é a arma

Comprometi-me com a *palavra* desde que a descobri enquanto arma de intervenção. Inicialmente pintava-a em murais, mais tarde explorei as infinitas combinações do verso. Visava provocar emoções, arrepiar, estimular à formação de critérios próprios com o claro objetivo de libertar algumas ovelhas do rebanho entorpecido por esta sociedade capitalista. A *minha palavra* dita sempre aspirou ser semente a germinar no interior de quem ambicionasse uma mudança de consciência, pronto a percorrer o caminho do autoconhecimento e da inevitável evolução. A *minha palavra* sempre tentou extrair essa voz própria que precisa de ser descoberta por cada um de nós, a palavra que nasce do silêncio e que origina a transmutação alquímica e vibra em cada átomo que nos compõe. A palavra é a mais poderosa das armas. O principal objetivo da minha comunicação é a simples dissecação das palavras que me foram pavimentando o caminho ao longo destes anos.

André Neves é também conhecido como **Maze** no âmago da cultura *Hip Hop*. Desde os anos 90 que escolhe como arma de intervenção a palavra. Nas mensagens que pintava para colorir o cinzento da *Invicta*, nas criações gráficas que desenhava ou nos versos das músicas dos *Dealema*, a palavra sempre foi protagonista. Durante mais de duas décadas, abraçou o papel de ativista, agitador e divulgador cultural, artista visual, poeta e educador.

Para além dos projetos musicais e visuais que desenvolve, é também embaixador do Norte no programa de rádio *Ginga Beat* da Red Bull Radio, dedicado à música Lusófona, e dedica-se à formação integral do indivíduo através da instrução da arte marcial

tradicional coreana - Maha Kuk Sool.

Redes sociais: <https://facebook.com/mazedlm>; <https://twitter.com/mazedlm>;

<https://instagram.com/mazedlm>; <https://soundcloud.com/mazedlm>;

<https://www.youtube.com/mazedlm>

Videoclips: <https://www.youtube.com/watch?v=LLciEE7ANoE>;

<https://www.youtube.com/watch?v=tGonu0c9fWA>;

<https://www.youtube.com/watch?v=HOK5lp32wtc>



PAULO DE MEDEIROS

University of Warwick

***Literatura contemporânea e a
condição de resistência***

Walter Benjamin, na sua sexta tese sobre o conceito de História de 1940, avisou que „[a]rticular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘como ele de facto foi’. Significa apropriar-se de uma memória, tal como ela relampeja num momento de perigo”. No presente nunca vivemos um momento de perigo como este e se quisermos alimentar qualquer esperança de futuro, pelo menos tal como hoje ainda se entende tal ideia, torna-se imprescindível uma tomada de consciência. Este trabalho visa um abordagem de alguns romances contemporâneos, especialmente *Os Memoráveis* de Lídia Jorge (2014), *A Natureza dos Deuses* de António Lobo Antunes (2015) e *O País Fantasma* de Vasco Luís Curado (2015). Através de uma perspectiva materialista, informada pelo enfoque na literatura-mundial levada a cabo pela Warwick Research Collective (WReC) em *Combined and Uneven Development* (2015), assim como a problematização da memória e da pós-memória levada a cabo por vários críticos, tal como Marianne Hirsch (*The Generation of Postmemory*, 2012) e Michael Rothberg (*Multidirectional Memory*, 2009), este estudo insere-se nos trabalhos correntes do projecto *Memoirs*, sediados no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (ERC 648624). Ao mesmo tempo visa um desenvolvimento de perspectivas atuais sobre a condição de resistência da literatura.

Paulo de Medeiros é professor catedrático no Departamento de English & Comparative Literary Studies da Universidade de Warwick, no Reino Unido, onde ocupa a Cátedra de Literatura-Mundial Moderna e Contemporânea. Integra a Warwick Research Collective. De 1998 a 2013 ocupou a cátedra de Estudos Portugueses na Universidade de Utrecht e em

2011-2012 foi Keeley Fellow em Wadham College, Oxford. Foi Presidente da Associação Americana de Estudos Portugueses em 2013 e 2014. É também membro correspondente do Instituto de Línguas Modernas da Escola de Altos Estudos da Universidade de Londres e investigador associado do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. Dedicase principalmente a questões de narrativa luso-brasileira, teoria literária e cultural e as interseções entre literatura e política. O seu livro recente, *O Silêncio das Sereias: Ensaio sobre O Livro do Desassossego* (Lisboa, 2015), recebeu o Prémio Pen Club de Portugal para o melhor livro de ensaios em 2016.



RITA CHAVES

Universidade de São Paulo

***José Luandino Vieira:
'Papéis da prisão' e da liberdade***

Durante o período contracolonial, os espaços de exceção abrigaram grande parte da produção literária angolana. Ao lado do *maquis* e do exílio, a prisão constituiu uma espécie de porto clandestino de onde saía a palavra comprometida de alguns dos atores significativos na luta contra a dominação estrangeira. Como fator cultural e como fator estético, a literatura aplicava-se em sua dupla função: refletia sobre a realidade e investia na libertação do imaginário. Na obra de José Luandino Vieira, preso durante cerca de doze anos, podemos identificar, a partir da elaboração de uma nova linguagem, alguns modos de responder ao condicionamento do cotidiano imprensado entre a exiguidade do espaço físico e a morosidade do tempo. No registro desse „tempo de partidos” (para usar a bela expressão de Carlos Drummond de Andrade), materializado nos *Papéis da Prisão – Apontamentos, diários, correspondência* (1962-1971), indiciam-se sinais de um projeto literário que fariam do fragmento e da elipse marcas de uma escrita, em muitos níveis, libertária. Em seus últimos títulos, o autor de *Luuanda*, refina os procedimentos já exercitados em *Nós, os do Makulusu*, colocando o leitor diante de uma estética do estilhaço, que espelha tão bem a dimensão das crises atravessadas pelo homem e pelo escritor.

Rita Chaves é doutora em Letras pela Universidade de São Paulo e professora associada de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa na mesma instituição. Seus projetos de pesquisa têm focalizado as modalidades e o lugar da narrativa romanesca nos sistemas literários de Angola e Moçambique. Foi professora visitante na Yale University (1996/97) e

na Universidade Eduardo Mondlane (1998-2000). Tem dois estágios de pós-doutoramento na Universidade Eduardo Mondlane, em Moçambique.

* * *

TOBIAS BRANDENBERGER

Georg-August-Universität Göttingen

Lutar com o mito: reescrita e compromisso no teatro português moderno

Conforme o momento histórico, o contexto político, as condições socioculturais e o envolvimento ideológico de um autor, o recurso aparentemente simples a temas e/ou textos clássicos produzirá manifestações estéticas significativamente diferentes.

A força de tais fatores, a diversidade e a complexidade dos resultados são evidenciadas, por exemplo, pelos frutos que a reescrita criativa de mitos da Antiguidade greco-romana tem feito aparecer no domínio do teatro português. Tentar-se-á no nosso trabalho pesquisar, através de exemplos vários das últimas décadas, como na literatura dramática portuguesa o regresso às matérias clássicas e a sua reinterpretação interagem com o compromisso dos autores teatrais e as expectativas de leitores e espectadores.

Tobias Brandenberger é professor catedrático de Filologia Românica na Universidade de Göttingen (Alemanha), onde dirige a secção de literaturas ibero-românicas. As suas principais áreas de trabalho são os *gender studies* literários, as relações culturais intra-ibéricas e as suas imagiologias, e a intermedialidade (música e literatura), tendo focado com preferência as literaturas portuguesa e espanhola da Idade Média e da primeira Idade Moderna, assim como as literaturas ibéricas e ibero-americanas de fins do século XIX e começos do XX.



